

Não Sabemos Que Não Sabemos

O progresso científico do último meio século tornou evidente alguns limites fundamentais de nossa capacidade de autocompreensão

Por Mauro Maldonato, publicado na revista Scientific American Brasil de fevereiro/2004

Os dogmas do ceticismo talvez representem a herança mais onerosa da modernidade. Mais invasivos que dogmas religiosos, com frequência alimentaram um racionalismo prepotente e desmedido (uma *hybris* da razão) que pretendeu explicar tudo, impelindo à margem os inúmeros aspectos não racionalizáveis da vida humana: instintos, pulsões, angústias, sentimentos, paixões. Na tentativa de plasmar, conformar e tornar a projetar a realidade mediante estratégias de engenharia social, o racional-construtivismo, no entanto, não raro se transformou numa heterogênesse das finalidades, ou seja, em fracassos, destrutividade, opressão.

O problema da ignorância não é, em âmbito científico, menos importante, fascinante e problemático que em âmbito filosófico

No século 20, muitos progressos científicos e técnicos conflitaram e falsificaram as pretensões e os abusos do ceticismo mediante a descoberta de fenômenos complexos e a reelaboração de teorias. Frequentemente, aliás, as metodologias científicas mais criativas e flexíveis forneceram exemplos de moralidade científica, de prontidão a mudança, de busca da verdade como fim e não como meio. O homem não é, nem nunca será, o deus diante de quem outro homem deve ajoelhar-se. Nenhum homem, portanto, jamais será onisciente. Isso vale, antes de mais nada, para os cientistas.

Talvez seja essa a lição mais importante que decorre das descobertas e das controvérsias da epistemologia contemporânea. Basta pensar no falibilismo e racionalismo crítico de Karl Popper, na virada epistemológica pós-positivista nas visões de Thomas Kuhn (*A Estrutura das Revoluções Científicas*), de Imre Lakatos (a metodologia dos programas de pesquisa), de Paul Feyerabend (o anarquismo metodológico), de Edgar Morin (a complexidade): teorias divergentes em linha de pesquisa, mas convergentes ao criarem um clima de pluralismo teórico oposto a todo monismo. Cada uma dessas teorias mostrou, com diferentes ênfases, que a descoberta científica baseia-se numa ignorância consciente, no controle dos limites da razão. Nessa consciência, nesse saber que não sabemos nada de

absolutamente certo, é que consiste a sabedoria da tradição que vai de Sócrates a Popper. Se o sábio de Platão é aquele que sabe distinguir entre o bem e o mal, o sábio de Sócrates é aquele que sabe que não sabe, que conhece os limites dos erros gerados pelo conhecimento, quando solicitamos seus mecanismos internos.

O problema da ignorância não é, em âmbito científico, menos importante, fascinante e problemático que em âmbito filosófico. O cientista Heinz Von Foerster enfrenta-o de forma original: "O que distingue um cientista de um não cientista é o fato de que o primeiro confessa imediatamente a própria ignorância. De fato, só à base dela é que surge seu desejo de conhecer. Se soubesse tudo não se colocaria nenhuma pergunta, não daria início à pesquisa nenhuma". A clássica afirmação socrática "Sei que não sei" parece-lhe insuficiente, porque seu campo de força ainda é o conhecimento.

Afirmado "Não sabia que não sabia" Von Foerster levanta a questão da ignorância de segundo grau, do ponto cego em relação ao qual enxergar todo o resto: uma região na qual não vemos, sem saber que não vemos. Para encontrar uma solução, explicações de nada adiantam. Estas, de um lado, nos iludem de que nos fizeram compreender a realidade, e, de outro, nos afastam de nosso problema fundamental (o de não enxergar), piorando, de fato, nossa capacidade de conhecimento.

O progresso científico dos últimos 50 anos tornou evidentes alguns limites fundamentais de nossa capacidade de autocompreensão. Kurt Gödel, especialmente, mostrou a impossibilidade de captarmos a coerência e a completude e um sistema formal dentro desse mesmo sistema. A esse propósito Von Foerster objetou: "O princípio de Godel só é aplicável aos sistemas estritamente formais, mas nem sempre estamos inseridos num sistema formal, não levamos adiante um monólogo, assim como faz um sistema formal, somos animais dialógicos. O problema é semântico e não sintático e podemos demonstrar que o princípio de Godel não é aplicável a um universo semântico".

O cientista concentra a própria atenção em questões-limite, amiúde não analisáveis e imprevisíveis, que excedem o âmbito lógico-filosófico, passando para o metafísico. Isso acontece quando tomamos decisões sobre questões que, em linha de princípio, são indecidíveis. Vice-versa, as questões decidíveis dependem de regras que conhecemos. No entanto, elas apresentam questões que permanecem indecidíveis. Perguntar-se, por exemplo, como teria sido gerado o Universo, é um problema que permanece indecidível. Que fique claro: não que não haja hipóteses, teorias ou narrações sobre as origens do Universo. Só que falta uma resposta unívoca. "Em minha opinião – conclui Von Foerster – só podemos decidir as questões indecidíveis, porque as decidíveis já foram decididas com base em algumas regras".

Como respondemos então à pergunta: representar o mundo ou construir um mundo? A fonte primária do conhecimento é dada por nossa experiência e o mundo é uma sua conseqüência? Ou então a fonte primária é o mundo e a experiência é uma sua conseqüência? Não há resposta. Cabe a nós decidirmos. W. Bartley afirmou paradoxalmente: "De Popper apreendi que quando digo alguma

coisa não sei propriamente o que digo; e de Hayek apreendi que quando faço alguma coisa, não sei propriamente o que faço". Se isso é verdade, então quando dizemos alguma coisa não sabemos propriamente o que dizemos, se respondermos às infinitas conseqüências de nossa teoria. Da mesma forma, quando agimos não sabemos propriamente o que fazemos, dadas as infinitas conseqüências de nossa ação.

Para Hans Georg Gadamer, indiscutível mestre da hermenêutica, uma obra de arte ou um texto literário tem efeitos que só mais tarde se tornarão conhecidos ao intérprete e que o próprio autor do texto não podia conhecer. A criação não é o criador e o texto não se identifica com o autor. Por outro lado, como observou o crítico literário M. Bakhtin, a grandeza de Shakespeare hoje é maior que em sua época, devido ao pleno desdobramento da riqueza polissêmica e do poder expressivo de sua obra teatral que pôde superar as incompreensões e valer-se de uma enorme variedade de interpretações, de repetidas emoções de espectadores e de inúmeras gerações de leitores. Por esse contínuo afinamento interpretativo e pelo fato de os espectadores de hoje poderem viver a extraordinária experiência de uma linguagem de pura invenção e perfeição formal, os textos de Shakespeare continuam a causar surpresa e admiração. Aliás, ela aumenta progressivamente, em contraste com a crescente banalização da linguagem diária e midiática.

Claro, o progresso da descoberta científica é bastante diferente daquele da criação artística. Ambos, no entanto, têm a ver com surpresa e imprevisibilidade. No âmbito das ciências sociais é útil lembrar a ironia crítica de *A Fábula das Abelhas* de Bernard de Mandeville, sua achincalhão dos paradigmas cientificistas e das pretensões planejadoras determinadas pelos efeitos inintencionais das ações intencionais e dos benefícios públicos gerados pelos vícios privados. "Um numeroso enxame de abelhas", escreve de Mandeville, "morava numa colméia espaçosa. Ali, em feliz abundância, elas viviam tranqüilas. Nunca abelhas viveram sob um governo mais sábio, e todavia nunca houve abelhas mais inconstantes e menos satisfeitas". A colméia era o reino da desigualdade, cheia de ladrões, falsários, alcoviteiros, magos e outras pessoas dedicadas a práticas desonestas. "Mas aqueles cujos tráficos eram os mais respeitados, embora na essência pouco diferente dos primeiros, recebiam um nome mais honrado". E os que "exerciam alguma função ou tinham algum cargo possuíam alguma espécie de malandragem que lhe era própria". Naquela situação, aliás, os jurisperitos faziam de tudo para avivar as hostilidades, para arruinar seus clientes e tirar proveito de seus bens. Chegavam mesmo, "para defender uma má causa" a analisar "as leis com a mesma meticulosidade com que os ladrões examinavam prédios e lojas". Além disso, os padres eram "sem-vergonha como batedores de carteira, descomedidos como marinheiros". Os ministros enganavam seu rei e, impunes, saqueavam o tesouro. Porém, mesmo "sendo cada casta tão cheia de vícios, a nação em si desfrutava de uma feliz prosperidade. Os vícios dos privados contribuía à felicidade pública. Desde que a virtude, instruída pelas malícias políticas, aprendera os números e fáceis embustes da astúcia, e desde que travara amizade com o vício, até os mais perversos faziam alguma coisa para o bem comum".

Ora, já que o vício produzia a astúcia, e esta se empenhava em laboriosidade, aos poucos a colméia foi abandonando todos os confortos da vida. Para Mandeville, não devemos nos escandalizar como fato de os vícios privados poderem gerar virtudes públicas. Isso acontece quando interações humanas individuais e relações sociais se liberam das prisões ideológicas. Essa dinâmica, aliás, é bem conhecida pela tradição do pensamento cristão “Impediríamos muito do que é útil se todos os pecados fossem severamente proibidos”. (São Tomás de Aquino, *Suma Teológica* II, II, ca. 78, 1).

“Efeitos inintencionais”, “decidir o indecível”, “explicar o inexplicável”: figuras de fronteira entre a ciência e a filosofia. Mas não é só a ciência a explorar o desconhecido; o mito também é um caminho para enfrentar o desconhecido, para resistir a angústia que os excessos de realidade provocam. Paul Ricoeur fala de “metáforas vivas” geradas ininterruptamente pela linguagem e pela poesia, audaciosas pontes entre mundos (idéias e imaginação) que desde sempre estamos acostumados a considerar separados. A abordagem científica não pode ser apenas conceitual, tem de abrir-se a imagens, aproximações, conexões, encontros inusitados. Hans Blumenberg questionou o nexo entre pensamento não conceitual e pensamento conceitual. Subtraindo as metáforas ao papel de mera introdução à racionalidade, ele lhes devolveu autonomia, apontando-as como a trama sutil que é o pano de fundo de nossa consciência, onde repousam nosso pensamento, nosso sentir, nosso crer: a esfera do que não é explicitamente teorizado ou tematizado, a “zona de sombra” que permite que nossa palavra e nosso pensamento se distingam do não-dito ou impensado. Assim, qualquer enunciado nosso tem sentido, porque se inscreve no pano de fundo de um mundo simbólico pressuposto.

Assim, se os conceitos têm a ver com uma consciência determinada, as metáforas, ao contrário, referem-se ao mundo vital, como iluminações transversais que esclarecem os nexos significativos que não podem ser logicamente derivados. Por sua clareza e univocidade, os conceitos puros pagam um preço alto: a perda da multiplicidade de sentidos do mundo da vida. Ao contrário, as metáforas são ambíguas e têm referências muito amplas. Por mais vagas e imprecisas que sejam, no entanto, elas se ligam ao “mundo da vida”. Paradoxalmente, por esse mesmo motivo, a ciência não sabe o que fazer com elas, e as coloca à margem. Mas até o pensamento mais abstrato não pode abrir mão delas.

O (des) conhecimento do caminho

Nenhum caminho pode ser conhecido com antecedência. O próprio caminho – mas outras metáforas podem nos socorrer: a rota, a navegação, a viagem etc. – é uma experiência. Tanto a língua latina quanto a alemã têm palavras como *ex-pereor* ou *er-fahrung* que traduzem o termo experiência com viajar, atravessar. Ampliando seu halo semântico, “fazer experiência” pode significar navegar. Como deixar de pensar, aqui, no mito de Ulisses, o herói “belo de fama e desventura”,

que muito viajou, muito sofreu e por isso está em condições de atravessar obstáculos divinos e humanos?

Não é ousado aproximar essa idéia da viagem ao sentido da pesquisa científica que emerge dos paradigmas pós e antipositivistas. Ainda que o mundo secularizado (e tecnicizado) e o aparecimento do homem copernicano tenham delineado uma antítese radical entre mito e razão, novas descobertas e mudanças de paradigmas deslocaram os limites do que é inexplicável e indecível, entrando para o acidentado e empolgante território da ignorância consciente. Não se trata de buscar novidades absolutas, mas de seguir o rastro de persistência de histórias, linguagens, tradições.

Para Gadamer, assim como para o último Wittgenstein, é ingênuo pensar no animo humano como uma tábula rasa sem condicionamento ou conhecimentos prévios. "Quem quisesse duvidar de tudo", escreve ele, "nem sequer chegaria a duvidar. O próprio jogo da dúvida já pressupõe a certeza. A criança aprende porque acredita nos adultos. A dúvida vem depois da crença". Compreendemos alguma coisa, portanto, só porque já a "pré-compreendemos". Uma idéia que acolhemos nos marca, nos orienta. Mas isso vale apenas até buscarmos ainda, até quando a aprofundarmos por ela ter se tornado problemática e insatisfatória.

Não há dúvida: Toda pré-compreensão é um preconceito. Nossa tradição é, por inteiro, uma rede de preconceitos. Mas o preconceito não é um julgamento falso, algo intimamente negativo. Sempre julgamos, necessariamente, desde um ponto de vista limitado e antes ainda de termos compreendido a fundo a questão. Ninguém está isento de preconceitos: "Quem acredita estar livre do preconceito fundamentando-se na objetividade do método e negando o próprio condicionamento histórico está sujeito em seguida à força dos preconceitos que o dominam de modo inconsciente e incontrolado, como uma *vis a tergo*".

Todos nós, portanto, somos marcados pela tradição. Mesmo que quiséssemos, não poderíamos emendar nossos preconceitos de nossos pré-condicionamentos históricos. Não podemos apagar a história escrita na "folha" de nossa vida. Podemos apenas reescrevê-la, reelaborá-la, incessantemente.

Um método científico flexível poderia ser comparado a um "jogo" cujas regras são válidas para todos os participantes, e que solicita suas capacidades criativas dentro de um contexto estabelecido. Ou seja, um jogo que pressupõe uma certa dose de ignorância, e, acrescentamos, de distração e presunção. De maneira sutil e penetrante, Paul K. Feyerabend recorda que "não há idéia que não se despedace quando examinada em detalhes. Isso nos leva imediatamente a segunda limitação: nem as teorias nem as idéias podem guiar as ações humanas ou justificá-las uma vez que elas tenham sido levadas a termo. O motivo é que o universo das idéias é dominado pelo conflito, que, se os homens deixassem descontrolado, permitiria, ordenaria, vetaria qualquer tipo de ação. Mas os homens agem, e o fazem de modo mais ou menos coerente. Alias, não podemos acrescentar nada sem uma considerável quantidade de ignorância, distração, presunção, e estaríamos perdidos sem aquele estranho e impenetrável fenômeno que chamamos escolha".

Multipluralidade das soluções

Uma vez que as idéias de realidade ou de racionalidade se tornam parte de uma escolha, elas próprias mudam, pois os conceitos dependem dos modos como influenciam as ações. Nesses sentido, melhores as escolhas múltiplas que unívocas. A univocidade não indica, de modo algum, o caminho certo. Os problemas sempre apresentam muitas soluções, e não apenas uma. Soluções unívocas são o resultado de ignorância ou negligencia, e não de conhecimento profundo.

Diante da pergunta sobre como se orientar, o filósofo da ciência Feyerabend, surpreendente como sempre, sugere que se decomponha o "nós" em um "você" e um "eu" como partes de uma entidade desconhecida que poderíamos chamar de Ser. Nós desafiamos o tempo todo o Ser, recebendo em troca respostas diferentes a mundos manifestos, como os define Feyerabend. Num mundo manifesto é possível separar os atos de observação dos objetos ou dos fatos observados. Isso, no entanto, não quer dizer que as "coisas observadas" coincidam com o Ser.

Como todo mundo identificável, o mundo que permite a separação é uma resposta do ser e, além disso, é diferente do próprio Ser. Identificar os mundos manifestos mais conhecidos com o Ser não só desvaloriza os outros mundos manifestos que são igualmente claros, mostra também uma considerável falta de perspectivas. Imaginem que algumas de suas bactérias intestinais comecem a pensar e desenvolvam uma visão do mundo. Por acaso não iríamos rir delas, se declarassem que o cosmo por elas descoberto representa o mundo todo, e que as leis nele válidas valem em toda parte? Todavia, é isso que não estamos fazendo e que fizemos durante séculos. Embora minúsculos com relação à história da humanidade, até mesmo menores que isso com relação à história da vida, e absolutamente insignificantes com relação à história da matéria segundo nossa reconstrução, pretendemos ter resolvido o enigma do Universo. Tais pretensões, tal vaidade "devem ser espezinhadas na poeira" (Montaigne) se quisermos obter uma melhor e mais correta avaliação de nossas capacidades e resultados.

Pensem no cientista como um especialista do desconhecido, um homem que assume até o fim o sentido e o valor altamente científico da afirmação nietzschiana (nada "científica") de que "é do caos que nascem as estrelas".